

ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA

Ilustrações

GERSON CONFORTI

A carta do pírate francês

Selecionado para o PNLD/SP 2002



3ª edição

9ª tiragem

2014

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Editor: ROGÉRIO GASTALDO

Assistentes editoriais: ELAINE CRISTINA DEL NERO
NAIR HITOMI KAYO

Secretária editorial: ROSILAINE REIS DA SILVA

Suplemento de trabalho: SHIRLEY GOMES

Preparação de texto: IVANA ALVES COSTA

Coordenação de revisão: LIVIA MARIA GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: VAGNER CASTRO DOS SANTOS

Assistente de arte: MAURO MOREIRA

Diagramação e finalização: MARCOS ZOLEZI

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Barbosa, Rogério Andrade

A carta do pirata francês / Rogério Andrade Barbosa ;
ilustrações Gerson Conforti. — 3. ed. — São Paulo :
Saraiva, 2003. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-03282-8

ISBN 978-85-02-03281-1 (professor)

1. Literatura infantojuvenil I. Conforti, Gerson. II.

Título. III. Série.

00-3229

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



Rua Henrique Schaumann, 270
CEP 05413-909 – Pinheiros – São Paulo – SP

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª das 8h30 às 19h30
| www.editorasaraiva.com.br/contato

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva

201240.003.009

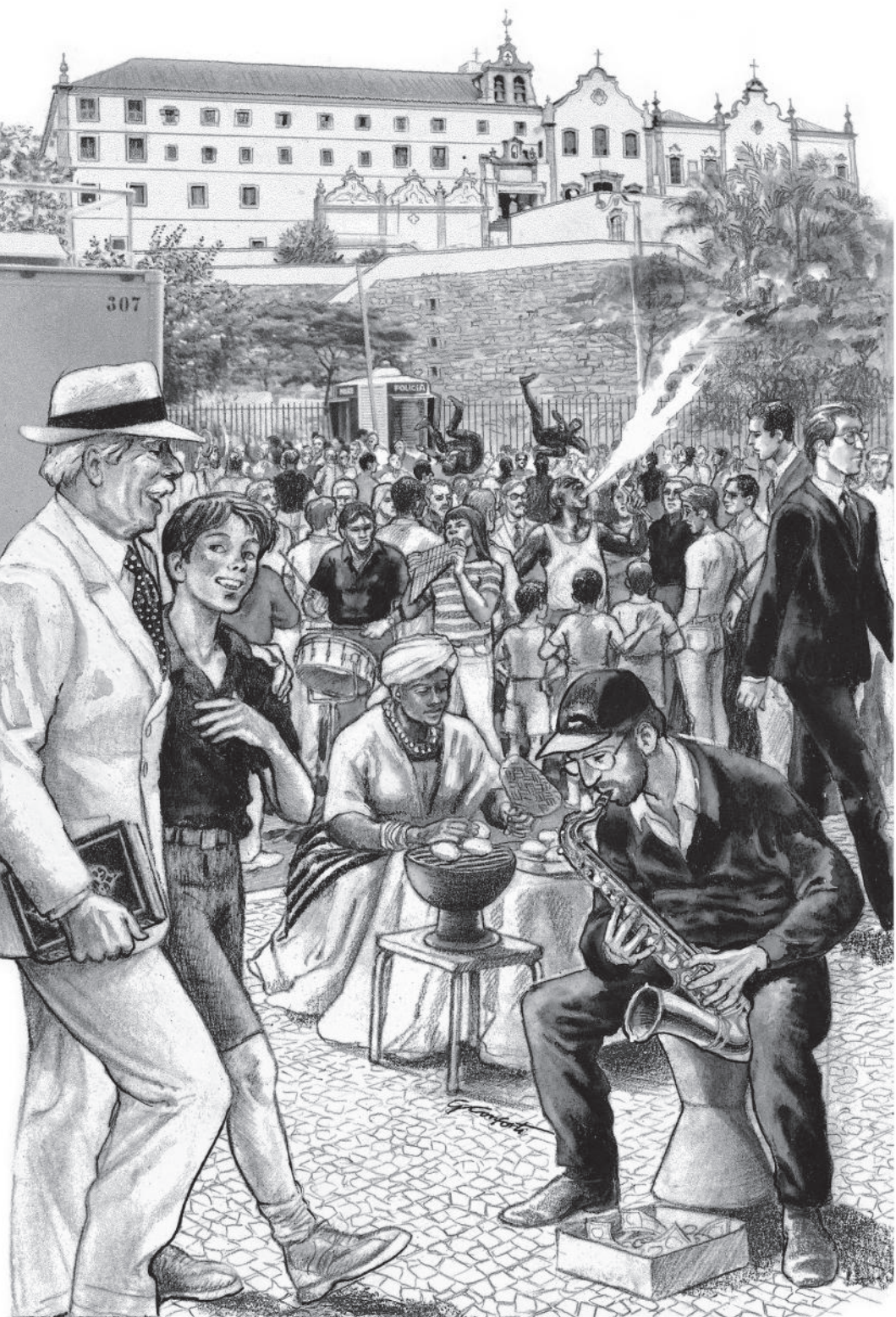
SUMÁRIO

Os tesouros do Rio.....5

A carta do pirata francês 23

Caçadores de tesouros..... 36

O mistério continua.....61



307

POLICIA

Francisco

OS TESOUROS DO RIO

I

Meu avô é um rato de sebos. Mas não é nada do que vocês estão pensando. Quando conto isso pros colegas na escola, pensam logo num desses velhinhos enfiados em roupas ensebadas. Que nada, ele é super-elegante! Só anda de terno de linho branco e chapéu Panamá, à moda antiga. Detalhe: apesar da idade avançada, tem uma memória prodigiosa.

Aposentado, seu maior prazer é frequentar as livrarias do centro do Rio, especializadas em livros usados — os sebos.

Hoje tive de acompanhá-lo numa incursão literária aos arredores da Praça Tiradentes. Confesso que não é um programa legal para um garoto de 12 anos. Mas como vovô *já está mais pra lá do que pra cá*, minha mãe fez questão de que eu o escoltasse, de acordo com as palavras dela, através das perigosas ruas da cidade. Coisas que um neto temporão tem de aguentar.

Mal saímos do metrô, fiquei impressionado com a agitação e o burburinho no Largo da Carioca. Logo de cara, fomos recepcionados pelos acordes de um saxofonista barbudo, sentado num tamborete do lado

de fora da estação. Parecia que eu estava num circo ao ar livre. Tinha de tudo: mágicos, mímicos, malabaristas, acrobatas, engolidores de fogo, tiradores de sorte, músicos e cantores, tendo como pano de fundo as muralhas do Convento de Santo Antônio.

— Isso é que é teatro popular! — exaltou-se vovô.
— Diversão e arte, de graça, ao alcance do povo.

O público, ultravariado — balconistas, aposentados, *office boys*, donas de casa, estudantes, executivos engravatados, meninos de rua e desempregados —, formava rodinhas em torno dos artistas preferidos.

Um negro atarracado, carapinha grisalha, barbigudo e de braços musculosos, atraía a atenção dos passantes, soltando labaredas pelas ventas feito um dragão de ébano. Depois desafiava alguém da plateia para que o prendesse, bem apertado, com cordas grossas, desamarrando-se logo a seguir, numa agilidade impressionante, para espanto geral.

Mais adiante, lutadores de artes marciais, vestidos de ninjas, davam saltos mortais, enquanto um deles prometia, em altos brados, que em breve se lançaria de cabeça através de um aro metálico em chamas e cheio de facas pontiagudas.

Noutro canto, um deficiente físico, dono de um vozeirão, fazia grande sucesso, cantando baladas românticas, sentado no chão ao lado de um monte de CDs com gravações suas, a preços populares.

O que eu mais gostei foi da apresentação de duas senhoras, repentistas nordestinas, batendo pandeiro e improvisando versos engraçados e maliciosos, pra delírio dos espectadores.

— Eu prefiro aqueles ali — disse vovô, encaminhando-se para um grupo de rapazes com feições orientais que tocava instrumentos que eu nunca tinha visto.

— Eles são índios? — perguntei, encantado com a música suave entoada pelo conjunto.

— Devem ser peruanos ou bolivianos — explicou, enquanto um dos integrantes do grupo se aproximava com um chapéu na mão para recolher uns trocados do público.

Foi uma debandada geral. Muitas das pessoas, no mesmo instante, começaram a se afastar pra evitar a cobrança.

— Tá na hora de ir embora! — brincou vovô, tirando uma moeda do bolso.

— Estamos longe da livraria? — perguntei, tão logo ele marchou na minha frente, abrindo espaço na multidão.

— Não. Vamos andando pela Carioca. Assim você conhece um pouco da sua história. A rua existe desde 1600 e tanto, quando não passava de um mero caminho de terra batida. A partir daí já teve outros nomes, como rua do Egito, por causa de um